

Luz sobre Hildegarda¹: notas dedicadas à santa profetisa de Bingen

*Light on Hildegard:
Comments about the Saint Prophetess from Bingen*

JOÃO VICENTE GANZAROLLI DE OLIVEIRA*
RAFAEL FERNANDES FROTA**

Resumo: O presente artigo trata da vida e da obra de Santa Hildegarda de Bingen (1098-1179), personagem exponencial do Medievo e da própria história da cultura em sua totalidade. Não obstante, pouco se fala dela; no Brasil, por exemplo, Hildegarda é desconhecida pela maioria absoluta da população. Tudo em Hildegarda é teofania. Deus é seu guia e sua meta. À luz dos ensinamentos da Sibila do Reno – como ela passou a ser chamada –, vemos, ouvimos, tocamos, absorvemos e degustamos este mundo de outra forma; ler Santa Hildegarda de Bingen é convite à eternidade.

Palavras-chave: Hildegarda de Bingen. Santidade. Misticismo. Cultura. Idade Média.

¹ Tomamos a liberdade de parodiar o título do livro da medievalista francesa Régine Pernoud (1909-1998) *Lumière du Moyen Âge*, (Grasset, 1944), publicado em português como *Luz sobre a Idade Média*. Os autores agradecem ao historiador alemão Gerd-Helge Vogel por sua valiosa colaboração.

* João Vicente Ganzarolli de Oliveira é professor doutor do Instituto Tércio Pacitti da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: jganzarolli@usa.com

** Rafael Fernandes Frota é bacharel em Gravura pela Escola de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pós-graduando em História da Arte pela UNESA. E-mail: rafaelfrota@gmail.com

Abstract: This article deals with the life and work of St. Hildegard of Bingen (1098-1179), an exponential character of the Middle Ages and the very History of Culture in general. Nevertheless, little has been said and written about her; in Brazil, for example, Hildegard is scarcely known. For Hildegard, everything is theophany. God is her guide and her goal. In the light of the teachings of the Sybil of the Rhine – as she started to be called –, we see, hear, touch, absorb and taste this world in another way; reading St. Hildegard of Bingen is an invitation to eternity.

Keywords: Hildegard of Bingen. Sanctity. Mysticism. Culture. Middle Ages.

Então aproximou-se o que recebera cinco talentos, e trouxe-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, entregaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que granjeei com eles.

Mt 25,20

Santa Hildegarda renova para o seu tempo, com uma violência inesperada, a expressão dos mistérios que a Bíblia ensina e a Igreja transmite. E assim toda a sua obra lança um olhar novo, ardente e encantador em sua singeleza, sobre o conteúdo da fé.

Régine Pernoud

Grita, portanto, e escreve assim!

Hildegarda de Bingen

1 Da arte como instrumento de salvação

Falemos de Hildegarda, personagem central do Medievo, período cuja cultura “apresenta-se sob uma capa desconcertante, tão desconcertante que tememos levá-la a sério” (PERNOUD, 1981, p. 159). É um desconcerto que não cessa de provocar fascínio a todo aquele que visita as páginas históricas daquele milênio tão rico em sua produção cultural e tão diversificado nos seus produtores de cultura. Existe, por outro lado, um denominador comum entre estes (e na própria sociedade medieval como um todo); podemos chamá-lo, utilizando o diapasão de Julien Ries (1920-2013), de *homo religiosus* (cf. RIES, 2007, p. 9), mas isso de modo algum elimina os muitos traços incomuns. É Santiago Pramolini a dizer, em sua monumental *Storia universale della letteratura*:



Ilustração 1 – Desenho de Rafael Fernandes Frota, inspirado numa ilustração do artista alemão, de origem chinesa, Hans Pfaff (1875-?)

Pode haver distância maior entre o humanismo de João de Salisbury e o misticismo de Adão de São Vítor? Entre a paixão de um Abelardo e a objetividade melancólica e reservada de um Oto de Freising? Entre a lucidez cristalina, quase cortante, de Santo Anselmo e o mundo alucinado, todo relâmpagos e mistérios, de Hildegarda? (1940, t. IV, p. 218, tradução nossa)

Ainda que vasculhássemos a história da cultura de uma ponta à outra, encontraríamos poucas personagens comparáveis a Santa Hildegarda de Bingen (1098-1179), no que se refere ao aproveitamento pleno dos dons concedidos pelo Criador. Hildegarda foi mística, teóloga, profetisa, filósofa, médica, cientista (notadamente no campo da flora medicinal), compositora, musicista, poetisa, dramaturga, conselheira de papas, cardeais, reis e príncipes – e, acima de tudo isso, santa. Em suas Visões místicas, Hildegarda aproxima-se dos Profetas do Antigo Testamento; são visões “ricas em conteúdo teológico; referem-se aos principais eventos da História da Salvação e são expressas em linguagem poética e simbólica” (PAPA BENTO XVI, 2013, p. 9, tradução nossa).

Hildegarda tinha o poder de expulsar demônios (inimigos ferrenhos da música e da espiritualidade humana em geral [cf. DIERS, 1998, p. 133]) e de curar males externos e internos; Hildegarda foi, literalmente, uma “médica dos corpos e das almas” (FERREIRA, 2011). Ademais, era pregadora e seus sermões tornaram-se famosos. No Medievo,

um sermão agia sobre a multidão; podia desencadear imediatamente uma Cruzada, propagar uma heresia, preparar revoltas. O papel didático dos clérigos era então imenso: eram eles quem ensinava aos fiéis a sua história e as suas lendas, a sua ciência e a sua fé; quem comunicava os grandes acontecimentos, transmitia de uma ponta à outra da Europa a notícia da tomada de Jerusalém, ou a perda de São João d’Acre; quem aconselhava uns e guiava outros, mesmo nos seus negócios profanos. Nos nossos dias, aqueles que não têm memória visual (...) são prejudicados nos seus estudos e na vida. Na Idade Média, não era nada; a pessoa instruía-se escutando e a palavra era de ouro (PERNOUD, 1981, p. 109).

A humildade era sua divisa fundamental: de saúde frágil, Hildegarda considerava-se uma *paupercula femina* (minúscula mulher), de *paupercula forma* (minúscula figura); descrevia a si mesma como uma pequena pluma carregada ao bel-prazer do vento (cf. PERNOUD, 1996, p. 49-56 et passim). O *corpus hildegardensis* foi preservado em alguns poucos manuscritos. Escrito

sob a forma de ensaios independentes – e reunidos posteriormente, entre os séculos XV e XVI, sob o mesmo tomo composto por 481 fólhos e pesando cerca de 15kg –, o *Riesencodex* (“Códex Gigante”), mantido na Biblioteca de Wiesbaden, na Alemanha, contém quase todos os escritos de Hildegarda.

Longe dela o ideal romântico da *arte pela arte*. Inspirada pelo próprio Criador, Hildegarda vê nas artes a função de louvá-Lo e educar Suas criaturas (cf. RABASSÓ, 2013, p. 61). Em par com a tradição egípcia e a grega, a cultura judaico-cristã investiu no poder terapêutico da arte musical, dada a sua inegável influência sobre o espírito; célebres são os episódios em que Davi servia-se da sua habilidade como harpista para expulsar o mau espírito que atormentava o rei Saul (1 Sm 16, 14-23).² O drama *Ordo virtutum* (“Ordem das virtudes”), composto por Santa Hildegarda em c. 1151, parece ser a mais antiga peça moralizante (*auto*) que se conhece³; é também o único drama musical sobrevivente do Medievo em que se tem certeza da autoria tanto do texto quanto da música (no caso, ambos de Hildegarda). Serve, na verdade, de epílogo à última Visão do terceiro livro do *Scivias* (abreviatura de *Scito vias Domini* [“Conhece os caminhos do Senhor”]), primeira grande obra escrita de Hildegarda.⁴ A intenção é a de educar musicalmente os fiéis, estimulando-os a levar a sério a supremacia dos valores divinos sobre os terrenos (cf. VIDIGAL;

² Possivelmente, Davi tocava uma harpa egípcia chamada de *kinnor* pelos fenícios, que a transmitiram aos hebreus – aliás, o mesmo instrumento por meio do qual o Profeta Eliseu escutou a mensagem de Deus (2 Rs 3,15-16). Parece ser universal o efeito psíquico benéfico da boa música; Georg Forster (1754-1794) observou isso quando viajava pelo Pacífico Sul (cf. FOSTER, 2007, p. 220).

³ “Por falta de uma classificação exata, as peças medievais de assunto religioso ou edificante são geralmente designadas ‘autos’, independentemente do tema ou da técnica usada” (Carlos Ceia, citado em SÉRGIO, 2009).

⁴ “Em geral, as influências mais penetrantes em *Scivias* são a Bíblia e seus comentários, a liturgia, a *Regra Beneditina* e as obras de Padres da Igreja amplamente lidos, como Agostinho, Jerônimo, Gregório Magno e Beda. (...). Entre autores tardo-antigos e carolíngios, ela [Hildegarda] deve ter conhecido Isidoro de Sevilha, Rabano Mauro, Pascálio Radbet e o hinista Notker de São Galo. A tradição neoplatônica, que matiza fortemente sua cosmologia – afinada com autores mais ‘vanguardistas’ como Bernardo Silvestre e Alan de Lille – pode ter chegado até ela por meio de Escoto Eriúgena. (...) Entre seus contemporâneos, Hildegarda situa-se mais próxima do próprio Honório, autor prolífico que supostamente passou a última parte de sua vida em Regensburg, e de Rupert de Deutz, beneditino que escreveu numerosas obras de teologia e de exegese”. Ademais, existem afinidades entre o *Scivias* e a obra de Hugo de São Vítor. Outros reformadores, tais como Gerhoch de Reichenberg e Godfrey de Admont, fornecem pontos úteis de comparação e de contraste para o programa eclesástico de Hildegarda. E ela, sem dúvida, estava familiarizada com determinados escritos de Bernardo de Claraval, embora a espiritualidade cisterciense tivesse influência apenas limitada em sua visão de mundo” (NEWMAN, In: SANTA HILDEGARDA DE BINGEN, 2015b, p. 81-82).

OLIVEIRA, 2011, p. 4). Para o Diabo – pai de todos os vícios e personificação da *desarmonia* musical, moral e cósmica –, por ter perdido sua voz original no momento em que rejeitou o Criador, cantar é uma impossibilidade; só lhe resta emitir gritos e grunhidos (cf. RABASSÓ, 2013, p. 63).

Existe, como se sabe, um drama teatral profano na Idade Média, testemunho de continuidade da tradição romana. Contudo, é na religiosidade que encontramos a tônica das obras, particularmente das primeiras, que procedem da Liturgia da Páscoa. Não se deve esquecer que “toda religião tende a gerar o drama e todo culto assume espontaneamente forma teatral” (REYES, 1993, p. 67, tradução nossa); e que, no Medievo cristão, o drama litúrgico, “essa forma de representação medieval em que o diálogo e o movimento formavam parte da liturgia regular e do culto do dia” (NICOLL, 1964, p. 109), nasce da Igreja e dentro dela; é “filho da liturgia” (DUMUR, 1965, p. 179, tradução nossa). Isso não poderia ser mais nítido na obra desta personagem ímpar que é Rosvita, a “monja do baixo latim” (REYES, 1993, p. 66), nascida um século e meio antes de Hildegarda, e a quem se deve o ressurgimento da arte dramática no Ocidente. Rosvita

escrevia para as suas religiosas tanto narrações em verso, que se liam no refeitório, como comédias encenadas no convento, imitando as de Terêncio, mas de espírito cristão; isto, de resto, projeta alguma luz sobre o papel do teatro, mesmo nos conventos: em Gandersheim – como na Inglaterra, onde Beda, o Venerável, faz alusão a para-liturgias teatrais durante a noite de Páscoa –, o teatro é considerado meio de educação ao mesmo tempo que distração (PERNOUD, 1980, p. 44; ver também CLÉMENT, 1885, p. 579).

Pode-se acrescentar que “o mundo romano e o medieval encontram-se nas peças de Rosvita” (BROWN et alii, 1997, p. 72, tradução nossa).

Escolhida por Deus para ver o que outros não veem e ouvir o que outros não ouvem, Hildegarda refere-se a melodias e línguas inauditas (*melodiae et linguae inauditae*); cria então, para comunicar tais maravilhas, uma língua própria (*lingua ignota*), “obra linguística de Hildegarda composta por mais de 1.000 palavras cuja origem e sentido não foram desvendados até hoje” (RILEY, 1997, p. 113, tradução nossa).⁵ Em plena coerência com a sua originalidade

⁵ “É no nosso interior que ouvimos a voz de Deus. Santa Teresa escutava, às vezes, palavras do Senhor. Essas palavras, ela dizia, transformavam a sua vida, comunicavam-lhe um ardor, uma paz e uma alegria inefáveis. E um dia ela disse ao Senhor: ‘Por que não falas a todos como me falas a mim? Assim todos Te seguiriam’. E Jesus respondeu: ‘Teresa, eu falo, mas o mundo faz neles tanto barulho que não me escutam.’” (CIFUENTES, 2002, p. 102).

ímpar, Hildegarda inventa um novo alfabeto (*litterae ignotae*) para a sua língua desconhecida. Como se mistérios ligados a Hildegarda não faltassem, fato é que a *lingua ignota* – grande parte da qual traduzida para o latim e para o dialeto germânico medieval falado na Renânia em que ela viveu – nos traz mais perguntas do que respostas.⁶

Composta por Hildegarda entre 1140 e 1150, a coletânea de canções litúrgicas intitulada *Symphonia armonie celestium revelationum* (“Sinfonia da Harmonia das Revelações Celestes”) deixa dúvidas quanto à sua finalidade específica. Algumas dessas canções não se adequam precisamente aos Ofícios; talvez fossem cantadas nas paralitúrgias (RABASSÓ, 2013, p. 60). É na *Symphonia* que deparamos com a única aplicação prática que se conhece da *lingua ignota* hildegardiana, mais precisamente na antífona *O Orzchis Ecclesia*, em que são empregadas cinco palavras *ignotae*:

O *orzchis* Ecclesia (immensa)
 armis divinis precincta
 et iazinto ornata!
 Tu es *caldemia* (aroma)
 stigmatum *loifolum* (populum)
 et urbs scientiarum.
 O, o, tu es etiam *crizanta* (ornata, uncta?)
 in alto sono et es *chorzta* gemma. (choruscans).

[Ó imensa Igreja
 cingida pelos braços divinos
 e ornamentada com jacinto!
 Tu és o/a aroma/fumigação
 dos estigmas dos povos
 e a cidade do conhecimento.
 Ó, ó tu também és ungida/adornada
 com o som que vem do alto, e és uma joia brilhante] (apud HIGLEY, 2007, p. 30).

Tendo em conta que Deus prefere o som ao silêncio, Hildegarda vê na música a rainha das artes; para ela, a música humana é tentativa, da nossa parte, de imitar a voz de Adão antes do pecado. Nada mais natural que tal imitação favoreça a união devida entre o corpo e a alma, bem como a inte-

⁶ J^o “Hildegards Hinweise auf ihre *Lingua ignota* und die *Litterae ignotae* werfen mehr Fragen auf, als sie beantworten” (RILEY, 1997, p. 115).

gração da humanidade na própria *armonia mundi* (cf. RABASSÓ, 2013, p. 61). Hildegarda encontra nos Salmos as palavras mais adequadas para esse processo imitativo e pedagógico (cf. ESCOT, 1993, p. 35), e trata como símbolos os instrumentos musicais: relaciona a cítara, por causa da sua sonoridade mais grave, à disciplina do corpo; o saltério, devido à sua sonoridade mais aguda, ao espírito; e o instrumento de dez cordas, aos Dez Mandamentos (cf. SANTA HILDEGARDA DE BINGEN, 2015a, 23). Segundo Hildegarda, Adão, antes do pecado, unia-se aos anjos e louvava a Deus com música; por terem pecado, nossos primeiros pais entraram em desarmonia com Deus, consigo mesmos e com o Universo como um todo. Ausentes do coro angélico em decorrência do pecado original, nós, descendentes de Adão, temos a chance de ingressar naquele mesmo grupo musical de louvor a Deus; é a graça, concedida por Deus, de alcançarmos o que nossos primeiros pais perderam (cf. SANTA HILDEGARDA DE BINGEN, 2015a, 23).

2 Tudo em Hildegarda é teofania

Entre 1158 e 1161, Hildegarda compõe o *Liber vitae meritorum* (“Livro das recompensas da vida”), segunda grande obra relativa às suas Visões, e que se insere na antiga tradição cristã da *Psychomachia* (“batalha da alma”), inaugurada pelo poeta hispânico Aurélio Prudêncio (348-c. 413). O que se tem é uma luta alegórica, travada no interior da alma, entre as virtudes e os vícios. Nessa obra, Hildegarda descreve o Purgatório, tema novíssimo para a época (cf. SANTA HILDEGARDA DE BINGEN, 1995, I, 91; IV, 90; V, 98 et passim) e que reaparece, com tonalidades mais sombrias no *Liber divinorum operum* (“Livro das obras divinas”) (cf. SANTA HILDEGARDA DE BINGEN, 1996, II, 5, 13; e II, 5, 6), seu trabalho escrito mais maduro acerca das Visões, cuja redação durou sete anos: de 1163 a c. 1174 (cf. NEWMAN, 1993, p. 90-97). É injustificável que Jacques Le Goff (1924-2014), sem dúvida um dos principais medievalistas de todos os tempos, não mencione Santa Hildegarda em sua obra sobre o *locus purgatorium* – embora ela tenha sido protagonista na aceitação da ideia de um “lugar” intermediário entre as penas eternas do Inferno e a felicidade eterna do Paraíso. Uma das poucas mulheres referidas por Le Goff em *La naissance du Purgatoire* é a santa belga Lutgarda de Aywières (1182-1246), padroeira dos convertidos e das recomendações das almas do Purgatório. Segundo seu biógrafo, o teólogo e hagiógrafo belga Tomás de

Cantimpré (1201-1246), Lutgarda tem sido “responsável pela libertação de milhares de almas, tanto nesta vida quanto na Outra” (apud LE GOFF, 1981, p. 324-326). Tudo indica, não obstante, que Le Goff não tenha lido estas obras fundamentais que são o *Liber vitae meritorum* e o *Liber divinorum operum* – o mesmo valendo, lamentavelmente, para muitos especialistas em Hildegarda (cf. NEWMAN, 1993, p. 91). Le Goff escreveu montanhas de obras e, para isso, leu uma cordilheira de outras obras; enfim, os grandes também erram... e omitem (cf. GANZAROLLI DE OLIVEIRA, 2015, p. 29-43). Contemporâneo de Hildegarda, o cardeal, filósofo e teólogo inglês Roberto Pulo (1080-1146) refletiu acerca da expiação dos pecados daqueles que, nesta vida, não foram nem totalmente maus e nem totalmente bons. Segundo ele,

mas onde se faz essa correção? É no Céu? É no Inferno? Mas o Céu não parece convir à tribulação, nem a tortura à correção, sobretudo em nossa época. Pois se o Céu só convém aos integralmente bons, o Inferno não deverá convir aos integralmente maus? E se o Céu exclui todo mal, como o Inferno pode acolher algum bem? Do mesmo modo como Deus destinou o Céu aos que são plenamente perfeitos, a *gehena* parece reservada aos plenamente ímpios, a fim de que esta seja a prisão dos culpados e aquele o reino das almas. Sendo assim, onde estão os que devem fazer penitência após a morte? Onde são esses lugares? Eu ainda não sei. Quanto tempo eles permanecem lá? Até a expiação das suas faltas (apud LE GOFF, 1981, p. 203-204).

No *Liber divinorum operum* vemos explicitado um dos principais temas de Hildegarda: o da relação simbólica entre o homem (microcosmo) e o Universo (macrocosmo) (cf. SANTA HILDEGARDA DE BINGEN, 1996, I, 2). Muito parecido com o “caleidoscópio cósmico” (DIERS, 1998, p. 83) de Hildegarda é o cosmo de Dante Alighieri (1265-1321) descrito na *Commedia*, “testamento poético do século XIII” (LE GOFF, 1981, p. 263).⁷ Tanto num quanto noutro, reina uma Justiça infalível, cuja harmonia se expressa de forma musical. Em sua análise da musicalidade implícita na obra máxima de Dante, o medievalista

⁷ “Dante foi para os povos da Itália o que Homero foi para os gregos e Vergílio para os romanos. (...) A *Divina Comédia* representa a última grande mensagem da Idade Média, na sua maturidade e plenitude. Após Dante, a humanidade já não podia continuar no ponto em que permanecera durante cerca de mil anos. Na *Divina Comédia*, a concepção de mundo da Idade Média exprimiu-se numa obra de arte de tal profundidade e riqueza de cores que a imaginação humana não pôde mais igualar” (NILO HACK, 1985).

Francesco Ciabattoni (1971) revela que o *Inferno*, reino da discórdia eterna, não pode ter outro fundo sonoro que não seja a cacofonia; no *Purgatório*, as almas, em seu desejo ardente de purificar-se e alcançar remissão completa, já entoam música, mas ela é monofônica; no *Paraíso*, as vozes melodiosas dos santos misturam-se entre si e com as dos anjos, e o resultado é necessariamente polifônico.⁸ Ambos os mundos – o de Hildegarda e o de Dante – são fechados à maneira de Ptolomeu (c. 90-c. 168), mas diferem quanto ao controle do movimento e das transformações em geral: na Profetisa Teutônica, este papel é atribuído ao Amor Universal; no *Sommo Poeta*, o leme do Universo é dado ao próprio Deus Pai e Criador (cf. DIERS, 1998, p. 89).

Tudo em Hildegarda é teofania: “Deus existia antes da criação do mundo. Ele não teve início; Ele mesmo foi e é a luz, o esplendor e a vida. Desse modo, quando Deus quis fazer o mundo, o fez a partir do nada, mas a matéria do mundo existia em Sua vontade” (*Deus ante creationem mundi absque initio fuit et ipse lux et splendor fuit et est et vita fuit. Cum Deus mundum facere voluit, illum de nihilo fecit, sed in voluntate ipsius materia mundi erat*), diz a Santa e Doutora logo nas primeiras linhas do seu tratado sobre as causas e os remédios para as doenças, o *Causae et curae*. (SANTA HILDEGARDA DE BINGEN, 1903, I, tradução nossa)⁹. O mundo sensível é via de ascensão ao suprassensível: *per visibilia ad invisibilia*, ensinava Ricardo de São Vítor (1110-1173), contemporâneo de Hildegarda, que muito a influenciou (cf., por exemplo, SANTA HILDEGARDA DE BINGEN, 2015b, III, 1). Suas páginas são “páginas inflamadas, torrentes de imagens pontuadas por interrogações – ‘como é isso’, ‘o que é isso?’ – que prolongam as interpretações da vidente para detalhar o sentido e o alcance” (PERNOUD, 1996, p. 42). Já nas últimas linhas da *Declaração* que antecede o primeiro livro do *Scivias*, Hildegarda deixa bem claro a que veio:

⁸ É uma realidade já presente, ao menos de forma embrionária, em Boécio (477-524). Ao falar que “*Est enim consonantia dissimilium inter se vocum in unum redacta concordia*” (“A consonância é a concórdia obtida quando vozes distintas se juntam para formar a unidade”), o “último Romano e o primeiro Escolástico” aponta para a harmonia espiritual dos bem-aventurados com o Criador, levando à culminância o ideal neoplatônico, já cristianizado, de reconciliação da multiplicidade no Uno (cf. CIABATTONI, 2010, p. 7 et passim).

⁹ Em 2010, dois anos antes de declarar Santa Hildegarda Doutora da Igreja, o Papa Bento XVI recomendou-nos: “Invoquemos sempre o Espírito Santo, a fim de que Ele desperte na Igreja mulheres santas e corajosas como Santa Hildegarda de Bingen, que, valorizando os dons recebidos de Deus, contribuíam para o crescimento espiritual de nossas comunidades e da Igreja do nosso tempo” (PAPA BENTO XVI, 2013, p. 12, tradução nossa).

(...) promulguei e escrevi estas coisas não pela invenção de meu coração ou de qualquer outra pessoa; graças aos mistérios secretos de Deus, eu as ouvi e recebi nos lugares celestiais. E, mais uma vez, ouvi a voz do Céu, dizendo-me: “Grita, portanto, e escreve assim” (SANTA HILDEGARDA DE BINGEN, 2015b, p. 98).

No entender de Hildegarda, a Criação tem por princípio a cor verde (*viriditas*), símbolo da vida e do crescimento dos seres vivos. A *viriditas* hildegardiana tem sua fonte em Deus e é “o viço, o poder divino cheio de vitalidade, a força vital que recobre as criaturas, poder de vitalidade e modelo de todo o bem” (UHLEIN, In: SANTA HILDEGARDA DE BINGEN, 1993, p. 25). Segundo Hildegarda, “o sopro do ar faz a terra fecunda. Assim, o ar é a alma da terra, umedecendo-a, tornando-a verdejante” (SANTA HILDEGARDA DE BINGEN, 1993, p. 71). Sempre disposta a levar às últimas consequências os símbolos que descobre neste mundo e no Outro, Hildegarda associa a primeira sílaba de *viriditas* a outras palavras de conteúdo fundamental em sua obra: *virtus* (virtude), *virilitas* (virilidade), *virginitas* (virgindade), *vis* (força), *vir* (homem), *vivere* (viver), *virescere* (verdejar), *vigere* (ter vigor) etc. Veja-se que

os especialistas geralmente concordam em ver na cor verde o equilíbrio e a harmonia, o símbolo da primavera e da juventude, da esperança e da alegria. No cristianismo, o verde é representante da nova vida, e se associa ao Batismo e à festa da Eucaristia. (...) Na cultura ocidental, o verde indica que “devemos seguir em frente (e.g., no trânsito)” e “pensar verde” é palavra de ordem para os ecologistas (EDWARDS, 2016, p. 191, tradução nossa; ver também RILEY, 1997, p. 90-91).

A palavra *viriditas* já era conhecida dos romanos antigos, que a utilizavam em contextos próximos aos preferidos pela *Sancta germanorum*. Cícero (106-43 a. C.) refere-se entusiasticamente à *viriditas pratorum* (“verdura das pradarias”); Plínio (23-79), já no plano metafórico, entende *viriditas* como “juventude”: *Senectus aufert eam viriditatem, in qua etiam nunc erat Scipio* (“A velhice tolhe aquela verdura que Cipião ainda possuía”) (ambas as citações em FREUND, 1866, t. III, p. 590, tradução nossa). A originalidade de Hildegarda está em conceder dimensão cristã a esse perímetro semântico, reconhecendo em Deus a autoria de toda e qualquer modalidade de *verdura* – no sentido positivo, é claro. Para Hildegarda, “O vento que sopra, o ar leve, úmido, o verde delicado das árvores e da relva, tudo isso, em seu princípio e em seu fim, louva

a Deus” (SANTA HILDEGARDA DE BINGEN, 1993, p. 57). Porém, como quase todas as cores, o verde apresenta conotações positivas e negativas. O verde – em que pese sua associação espontânea com a saúde e o crescimento – também pode simbolizar a doença: que se pense na cor esverdeada da pele dos enfermos. O verde é, ainda, a cor da inveja e do ciúme. Lembremo-nos da admoestação a Otelo que Shakespeare (1564-1616) põe na boca de Iago: “*Oh, beware, my lord, of jealousy! It is the green-eyed monster which doth mock the meat it feeds on*” (“Cuidado com o ciúme, meu senhor! Ele é um monstro de olhos verdes que zomba do alimento de que se nutre”) (SHAKESPEARE, III, 3, tradução nossa; ver também EDWARDS, 2016, p. 191).

No tocante aos *anjos*, criaturas espirituais cuja existência o *homo medievalis* tinha seriamente em conta, Hildegarda não deixa de ser original. Em sua época, já estava consignada a hierarquia dos novos coros angélicos; ei-la, em escala ascendente: Anjos, Arcanjos, Virtudes, Potestades, Principados, Dominações, Tronos, Querubins e Serafins. De fato,

segundo respeitável Tradição, confirmada em parte, pelo Segundo Concílio de Constantinopla, esses títulos designam nove ordens diferentes, divididas em três hierarquias. Os mais categorizados intérpretes dos Livros Santos – entre os quais Dionísio Areopagita, S. Gregório Magno e S. Bernardo – assim o ensinam. A primeira hierarquia compõe-se dos que estão sempre diante de Deus, dos que lhe são mais próximos e têm a mais alta e inebriante função: *eles contemplam a Deus*. São os ardentes *Serafins*, assim chamados por causa do fogo do amor divino que os abrasa; os luminosos *Querubins*, cujo nome indica as puras e sublimes luzes de sua inteligência; e os *Tronos*, também por sua elevada e clara inteligência. (...) A segunda hierarquia ocupa-se do governo do mundo: *Dominações*, assim chamados porque, por seu poder, estão acima dos outros anjos, servindo a Deus com maior independência; *Virtudes*, com força e coragem indomáveis, manifestam-se em todas as suas ações; e as *Potestades*, que, na mesma linha das *Dominações* e *Virtudes*, são encarregados do governo do mundo e de lutar contra os maus espíritos. A terceira hierarquia compõe-se dos *Principados*, *Arcanjos* e *Anjos*. Os *Principados* comandam os anjos, que lhes são inferiores. Os *Arcanjos* são os intermediários entre os *Principados* e os *Anjos*. Sua função consiste em anunciar aos homens as coisas de Deus e a iluminar o espírito dos profetas. Enfim, os *Anjos* completam e terminam toda a hierarquia celeste. Estes são os *mensageiros* empregados por Deus para cuidar mais diretamente dos homens. São os mais próximos de nós (GANZAROLLI DE OLIVEIRA, 1977, p. 18-19).

Contudo,

o texto de Hildegarda oferece uma divisão alternativa em dois, cinco e dois, de modo que os seus nove coros podem apresentar analogias com a natureza humana. Anjos e arcanjos significam corpo e alma; os querubins e serafins, como sempre, simbolizam o conhecimento e o amor de Deus, e as cinco ordens medianas representam os cinco sentidos. Detalhes alegóricos suplementares pertencem à Encarnação e à vida de virtude. Do Pseudo-Dionísio, Hildegarda toma a noção de que a hierarquia celeste acima espelha a hierarquia eclesiástica abaixo (NEWMAN, in SANTA HILDEGARDA DE BINGEN, 2015b, p. 58).

3 Idade das Trevas?

A designação pejorativa de *Idade das Trevas* para o milênio medieval só é válida se referida às trevas da nossa ignorância relativa a ele – ignorância esta injustificável.¹⁰ O desinteresse por Hildegarda é exemplo disso. Ora, estamos falando de uma personagem nuclear não só para a Idade Média, mas para a História da Cultura do Ocidente e do próprio mundo como um todo: “Chegamos assim a Santa Hildegarda, freira e depois abadessa de Bingen, conselheira de bispos, margraves, imperadores, e uma das maiores personalidades de todos os tempos” (PRAMPOLINI, 1940, t. IV, p. 172, tradução nossa). Hildegarda foi compositora e poetisa de relevo; apesar disso, é ignorada pelos musicólogos portugueses Tomás Borba (1867-1950) e Fernando Lopes Graça (1906-1994) em seu *Dicionário de Música*. No ensaio *Uma nova História da Música*, do austro-brasileiro Otto Maria Carpeaux (1900-1978), não se fala de Hildegarda. O brasileiro Mário de Andrade (1893-1945), em sua *Pequena História da Música*, tampouco se lembra dela. Nas 43 bibliotecas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – a primeira e maior instituição universitária federal do Brasil, considerada “centro de excelência de ensino de pesquisa”

¹⁰ Fulton Sheen (1895-1979) alerta-nos para esta singularidade: provavelmente, a única verdade já dita pelo Demônio encontra-se na terceira tentação de Cristo. Diz o Demônio, em sua tentativa de desviar o Salvador de sua Missão: “Todos os reinos da Terra são meus e eu os darei a ti se, prostrado, me adorares” (Lc 4,6-7); noutras palavras, “Identifica-te com o mundo e faz o que é popular, pois eu [o Demônio] sou o seu príncipe” (apud SHEEN, 1982, p. 334, tradução nossa). Rastejantes em busca dos atrativos promovidos pelo príncipe deste mundo (2 Cor 4,4), seremos incapazes de alcançar e tocar as *coisas do alto* (Cl 3,1-4); afinados pelo diapasão daqui de baixo, deixaremos de escutar a voz de Deus; distraídos por falácias visuais, ficaremos cegos para a *melhor parte* preferida por Maria (Lc 10,38-42).

em nosso país e na América Latina –, há mais de três *milhões* de títulos diferentes (incluindo livros, artigos, dissertações, teses, monografias etc.), por sua vez relativos às mais diversas áreas do conhecimento. Mas não se encontra lá nem sequer *uma* obra escrita por Santa Hildegarda ou sobre ela. Considere-se também: há décadas, irradiou-se a partir da Europa uma verdadeira Renascença da obra hildegardiana (cf. DIERS, 1998, p. 19); novas edições surgiram em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil – mas tudo indica que a maioria absoluta dos brasileiros nunca ouviu falar da Santa e Doutora da Igreja Hildegarda de Bingen e nem dos seus escritos, não obstante viverem no país que tem a maior população católica (?) do mundo (cf. JURCZAK, 2017).¹¹ Veja-se que

entre os séculos XII e XVI, centenas de mulheres despontam com o relato de suas experiências religiosas sobrenaturais; fala-se até de “invasão mística”. Três dentre elas são especialmente conhecidas: Hildegarda de Bingen (1098-1179), Brígida da Suécia (1303-1373) e Catarina de Sena (1347-1380). Enquanto Hildegarda foi esquecida logo após sua morte e só no século XX tornou-se famosa outra vez (tal como havia sido entre seus contemporâneos), e os feitos de Catarina mantiveram-se limitados à Itália, Brígida alcançou uma irradiação maior (FIEDER et alii, 1997, p. 291, tradução nossa).

Meno male: dois verbetes são dedicados a Hildegarda no *Dizionario delle opere e dei personaggi di tutti i tempi e di tutte le letterature* (publicado originariamente pelo italiano Valentino Bompiani [1898-1992] e pelo francês Robert Laffont [1916-2010] em 1946, no qual encontramos resumos, feitos por especialistas nas mais diversas áreas e culturas, das obras mais destacadas já escritas em todo o mundo e em todas as épocas da história); ao menos é o que se pode constatar na edição francesa que temos em mãos, que é de 1994. Particularmente elogioso é o verbete relativo à *Symphonia armonie celestium revelationum*, no qual Hildegarda é considerada “autoridade moral, literária

¹¹ Por essas e outras, há de se levar a sério a advertência feita pelo pensador independente Olavo de Carvalho (1947), há cerca de 15 anos: “Quando, num teste de compreensão de leitura entre estudantes de 32 países, os brasileiros tiraram o último lugar, afirmei resolutamente que o resultado seria o mesmo se em vez de estudantes os examinados fossem profissionais adultos – incluindo acadêmicos, jornalistas, educadores, parlamentares, ministros da Educação e (por que não?) presidentes da República. Os estudantes não deveriam ser considerados *a priori* uma exceção devida a fatores acidentais, mas uma amostra significativa da população em geral” (CARVALHO, 2013, p. 252).

e política”, possuidora de “uma cultura profana (entenda-se: não religiosa) muito extensa” e de “um amor notável por todos os seres” (ROSENBERG et alii, 1994, t. IV, p. 4.222, tradução nossa).

Declarada Doutora da Igreja em 2012, Hildegarda foi consagrada a Deus por seus pais quando tinha oito anos de idade; em 1136, foi eleita abadessa do mosteiro beneditino de Rupertsberg, em Bingen, perto de Mogúncia, às margens do Rio Reno – justamente na parte em que esse magnífico acidente geográfico, eternizado nos versos de Friedrich Hölderlin (1770-1843)¹² e em tantas páginas históricas do Ocidente, assemelha-se a um enorme nariz voltado para a Suíça e a França. Na Europa antiga, serviu de fronteira entre o mundo celta e o germânico – ou, como preferiam os romanos, a *Gallia* e a *Germania*, a civilização e a barbárie. Dois séculos após sua morte (mais precisamente em 1383), Hildegarda passou a ser chamada de *Sibila do Reno* (BOOTH et alii, 2001, t. XI, p. 494). Era sibila no sentido mais genuinamente cristão, pois já havia *sibyllae* entre os romanos e Σῖβυλλᾶι entre os gregos; à Hildegarda de Bingen foi concedido o dom celeste de prever as coisas que ainda hão de ocorrer.¹³

Muito importante, de fato, é o dom concedido a Santa Hildegarda de enxergar o futuro. Santa Hildegarda foi *visionária*, não no sentido pejorativo da pessoa “sonhadora ou utopista”, como explica o *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (CALDAS AULETE; SANTOS VALENTE, 1948, V. II, p. 1.148); nada há de utópico ou ilusório naquilo que Santa Hildegarda viu. Muito pelo contrário, ela tinha a capacidade de “ver espiritualmente fatos futuros ou distantes, como profecia ou advertência moral ensinada por Deus”

¹² *Der Rhein* (“O Reno”) integra os célebres *Hymnen* (“Hinos”), nos quais “o mais alemão dos alemães” (conforme o denominou o primeiro editor de suas obras completas, Norbert Theodor von Hellingrath) “encontra-se face a face com Deus. Onipresente, Deus revela-Se a ele com rostos sempre renovados: idêntico a Si mesmo, mas com aspectos variáveis, como a própria vida” (ROSENBERG et alii, 1994, t. V, p. 5.661, tradução nossa).

¹³ “Sibilas são virgens a quem o Céu concedeu o dom de ler no futuro. Os sábios, dentre eles Varro e Lactâncio, contam originariamente dez. Também se deu o nome de *sibilas* às pessoas que, à imitação das sibilas originais, prognosticavam o futuro. A Sibila de Cumes chamava-se Deifobe, era filha de Glauco e sacerdotisa de Apolo. Dizia-se inspirada por Apolo, dava os seus oráculos no fundo de uma cova, que havia no templo daquele deus; esta cova tinha cem portas por onde saíam terríveis vozes predizendo o futuro. Era também sacerdotisa de Hécate, que lhe confiara a guarda dos bosques sagrados do Averno. Enéas foi consultá-la antes de descer aos infernos. Os romanos levantaram-lhe um templo” (SCHLESINGER; PORTO, 1995, t. II, p. 2.374).

(SCHLESINGER; PORTO, 1995, t. II, p. 2.641).¹⁴ Hildegarda atuou como *boca de Deus*, que lhe ordenou: “Diz, portanto, estas maravilhas e escreve-as tais como te são ensinadas e ditas” (apud PERNOUD, 1996, p. 17). Nas palavras da santa,

isto se deu em 1141, no milésimo, centésimo, quadragésimo primeiro ano da Encarnação de Jesus, Filho de Deus, quando eu tinha quarenta e dois anos e sete meses. Uma luz de fogo, de um brilho extremo, vinda do Céu abateu-se sobre meu cérebro todo e todo o meu corpo e todo o meu peito, como uma chama, que todavia não queimava, mas inflamava com o seu calor, do modo como o sol esquentava onde dardejia seus raios (apud PERNOUD, 1996, p. 17-18).

Nunca faltaram tentativas de negar o caráter milagroso das Visões de Hildegarda. Já se disse, por exemplo, que elas seriam produto de “alucinações”, “histeria”, “enxaqueca”, “crise da menopausa” etc. (cf. RILEY, 1997, p. 57-61).¹⁵ Esses detratores deixam de ter em conta dois fatores essenciais em questão: a) os dons sobrenaturais de Hildegarda foram concedidos e postos em prática por

¹⁴No mesmo *Dicionário Enciclopédico das Religiões*, lê-se no verbete dedicado à *visão espiritual*: “Os místicos registram a sua frequente ocorrência. Atestam que a imagem pode ser vista em sonho e em vigília. Como experiência confortadora, não faz parte essencial do caminho da perfeição. É gratuitamente concedida por Deus. Aconselham os mestres da espiritualidade que as Visões não devem causar alvoroço, inquietação e vaidade. Deve-se recebê-las no espírito que levou São João da Cruz a dizer que todas elas não valem tanto como um menor ato de humildade” (SCHLESINGER; PORTO, 1995, t. II, p. 2.641-2.642).

¹⁵Em sua tentativa de “provar” que os seres humanos pouco ou nada mais são do que formigas que falam, mas carecem do altruísmo e da organização (quesitos que sobram nos formigueiros) necessários para viver no “paraíso” socialista que Karl Marx idealizou para a humanidade (Marx teria escolhido a espécie errada para implantar a sua “obra-prima”, responsável direta pela morte de mais de cem milhões de pessoas, apenas no século XX), Edward O. Wilson (1929), pai da sociobiologia, aproveita para destilar prodigamente seu anticristianismo. Sempre apostando na superioridade da matéria sobre o espírito, Wilson não chega a negar a “possibilidade” de que o Apóstolo São João tenha visto o Cristo Ressuscitado; mas afirma ser “mais provável” que suas Visões fossem sintomas de esquizofrenia ou, ainda, efeito de drogas alucinógenas. Misturando meias-verdades com mentiras, falácias e facciosismo, Wilson parece determinado a nos convencer de que o *Apocalipse* não passa de um manifesto *hippie* escrito com dois milênios de antecedência (cf. WILSON, 2012, p. 317-318; ver também COURTOIS et alii, 1997, p. 15 et passim). Quanto a Hildegarda, já há quem a associe ao feminismo e até mesmo à ideologia de gênero (cf., por exemplo, SOELLA, 2015, p. 33 et passim), embora tais “novidades” nunca tenham passado nem perto da cabeça da santa, ocupada como era com suas Visões de Deus e com a narrativa das mesmas. Se houvesse defensores(as) do feminismo e da ideologia de gênero na época de Hildegarda, ela, que não era politicamente correta nem mesmo diante de um imperador ou de um papa, chamaria tais “inovadores(as)” de servos(as) do Diabo, no mínimo.

atuação milagrosa de Deus – que, obviamente, sempre esteve acima das leis da Natureza que Ele mesmo criou; b) milagres, por serem milagres, não se explicam.

...

Hildegarda entrou em rota de colisão com Frederico Barbarossa (1122-1190), quando este provocou um cisma na Igreja, ao opor três antipapas ao Papa Alexandre III (1100-1181). Temente apenas a Deus, a Profetisa Teutônica lembrou ao imperador do Sacro Império Romano-Germânico que ele, também, estava sujeito ao juízo divino; e advertiu-o: “Ai desta malvada conduta dos ímpios que me desprezam. Escuta, ó Rei, se queres viver! Do contrário, minha espada te transpassará” (citada por PAPA BENTO XVI, 2013, p. 11, tradução nossa). É possível que na Idade Média as mulheres lessem mais, e conseqüentemente fossem mais instruídas, do que os homens; muitas vezes eram elas, e não eles, os autores e os copistas dos manuscritos daquela época (cf. PERNOUD, 1980, p. 61-62). Dentre as muitas contribuições femininas para a cultura medieval e (por que não dizer?) universal, à parte as de Hildegarda, constam:

- a) a fundação pioneira de hospitais (Santa Fabíola [século IV], elogiada pelo severo São Jerônimo [c. 347-420]): “Uma mulher de nome Fabíola, em ato de penitência cristã, estabeleceu o primeiro grande hospital público de Roma; ela vasculhava as ruas à busca de homens e mulheres pobres e enfermos, com o intuito de ajudá-los” (WOODS, 2012, p. 178, tradução nossa);
- b) a conversão dos francos ao catolicismo (Santa Clotilde [475-574]) – sem Clotilde, o Renascimento Carolíngio e, conseqüentemente, o Renascimento propriamente dito (pois este é filho daquele), talvez não tivessem acontecido;
- c) a libertação de escravos (Santa Melânia [c. 383-439]) – após a morte de seus dois filhos, Melânia e o marido Valério Piriano (c. 381-c. 420) decidiram-se pelo ascetismo e pela vida monástica; de passagem pelo norte da África, conheceram e tornaram-se amigos de Santo Agostinho de Hipona (354-430), o autor que mais influenciou a cultura ocidental (cf. FRANZEL, p. 19-20);
- d) a sobrevivência e o desenvolvimento do teatro (Rosvita de Ganderheim [935-c.1002]);
- e) a pedagogia e a psicologia: Dhuoda (época de florescimento: 824-844); da pena de Dhuoda saiu o *Liber manualis*, inestimável retrato da espíritu-

alidade, da psiquê, educação (em particular feminina) e da própria sociedade europeia nos tempos carolíngios (c. 750-c. 900);

f) o ensinamento do grego e do hebraico (Heloísa [c. 1100-c. 1164]);

g) a literatura cavaleiresca (Leonor de Aquitânia [1122-1204]);

h) o heroísmo aliado à santidade (Santa Catarina de Sena [1347-1380] e Santa Joana d'Arc [1412-1431]);

i) altruísmo e paciência diante das adversidades (Beata Hermengarda de Chiemsee [?-866]) – filha de Luís, o Germânico (806-876), e neta de Carlos Magno (742-814), Hermengarda foi abadessa da Abadia de Frauenwörth, na Baviera. Nunca se queixou da artrite que a torturava, nem mesmo durante os invernos sempre rígidos daquela região europeia; em vez disso tratou de recuperar, reformar e expandir sua abadia, fundada por São Tassilo (741-796), primo de Carlos Magno;

j) a leitura silenciosa (monjas da Idade Média):

Os antigos, como sabemos, liam sempre em voz alta. Santo Agostinho espanta-se ao ver o seu amigo Santo Ambrósio, bispo de Milão, praticar a leitura mental. Na falta desta prescrição, as duas regras da leitura e do silêncio obrigatório teriam sido contraditórias. Esta independência entre a leitura e a palavra é, pois, um presente das monjas aos tempos futuros (PERNOUD, 1980, p. 32-33).

Fiel a ideias que remontam ao neoplatônico Macróbio (c. 390-c. 430) e aos gregos antigos – sem esquecer o latino Vitruvius (c. 80 - c. 15 a.C.) e os medievais Honório de Autun (1080-1154) e Bernardo Silvestre (c. 1100 - c. 1165) –, Hildegarda vê na beleza sensível um eco estético da beleza divina. No seu entender, é de caráter *musical* a matéria-prima tanto do homem quanto da Natureza em sua totalidade. Não deixa de ser uma variante que Hildegarda e vários outros pensadores do século XII darão à fórmula de Boécio (c. 480-c. 525), *o último dos romanos e o primeiro dos escolásticos*: “Deus, belo em grau máximo, rege a beleza do mundo” (apud DE BRUYNE, v. II, p. 574).¹⁶ Macróbio, aliás, já havia visto

¹⁶ As ressonâncias de Boécio não se limitam ao perímetro religioso; encontrá-las-emos também na cultura profana do Medievo, e.g., no anticlerical Jean de Meun (1240-1305), autor da segunda parte do *Roman de la Rose*: “*Cil Dieus, qui de biauté habonde, / Quant il tres biau fist cest biau monde...*” (“Este Deus, pleno de beleza, quando fez este belo mundo ...”) (LORRIS; MEUN, 1992, p. 16.733-16.734, tradução nossa).

no homem (*brevis mundus*) uma síntese do Universo (*magnus homo*) (cf. DE BRUYNE, 1963, v. I, p. 431). Três séculos antes de Hildegarda, durante o Renascimento Carolíngio, Escoto Eriúgena (815-877) falou de teofanias manifestas no homem e nos outros seres em geral, sempre tomando por modelo o cosmo feito por Deus (cf. PL 122, 445).¹⁷ A Santa Germânica vai mais adiante; vê no homem um colaborador da Criação: “Só a humanidade é chamada para ajudar a Deus. A humanidade é chamada para co-criar” (SANTA HILDEGARDA DE BINGEN, 1993, p. 116). No Universo hildegardiano, reflexo da beleza divina, o *macrocosmo* corresponde a um círculo ou a uma esfera, enquanto o homem, *microcosmo*, inscreve-se num quadrado (tal como se via em Vitrúvio e se verá em Leonardo da Vinci). Espelhando-se na Santíssima Trindade, esse Universo é apresentado sob a forma de três esferas concêntricas: firmamento, ar e terra. No centro está a Terra, que é esférica ou oval (vide Honório de Autun [1080-1154] e Guillhermo de Conches [1090-1154]). O homem (i.e., o *microcosmo*) é representável geometricamente num quadrado que se divide em cinco partes iguais (cf. FRAILE, 1986, II [1º], p. 469-471).

“Hildegarda vem de um tempo distante em relação a nós” (RILEY, 1997, p. 7, tradução nossa)¹⁸: é a época dos castelos, que também é a das cidades, dos mosteiros e igrejas que brotam por todo o solo europeu.¹⁹ Um século antes do seu nascimento, por volta do ano 1000, o monge e cronista francês Rodolfo Glaber (985-1047) metaforizava essa expansão arquitetônica, descrevendo-a como “um manto branco de igrejas” que começara a cobrir o mundo: “*candidam aecclesiarum vestem indueret*” (RODOLFO GLABER, 1999, III, 4, 13); era o prelúdio para o manto colorido de universidades que cobrirá esse mesmo mundo a partir da segunda metade do século XI (Bolonha, a universidade mais antiga, começou suas atividades

¹⁷ Servimo-nos aqui da edição de Jean-Paul Migne das obras dos Padres da Igreja. Como abreviatura das obras dos Padres Latinos (*Patrologiae cursus completus, series latina* [Paris, 1844-1855]), empregamos a convenção PL. Note-se que “O *kósmos*, modelo de toda e qualquer ordem visível, é também o exemplo máximo de beleza nesse âmbito. Sob tal perspectiva, é indiscutível para os antigos a superioridade da Natureza em relação à arte” (CARCHIA; D’ANGELO, 1999, p. 39, tradução nossa).

¹⁸ “*Hildegard kommt aus einer fernen Zeit zu uns*”.

¹⁹ “A Idade Média dos castelos é também a das cidades, sem falar nos mosteiros que surgem por toda parte” (PERNOUD, 1996, p. 11).

em 1088).²⁰ Mas de que *mundo* estamos falando? Na verdade, da fração católica e livre de uma Europa ainda em construção: do norte ibérico à Renânia, dos limites da Escócia até a Itália central. Silvestre II (papa de 999 a 1003), um dos europeus mais inteligentes e cultos do ano mil, era possuidor de *vinte* livros, quantidade alta para os padrões da época (cf. LANGELLIER, 2000, p. 31). No ano mil, a Europa tinha

poucos homens inicialmente, muito poucos. Dez vezes, vinte vezes menos do que hoje, talvez. Densidades demográficas que são as do centro da África atualmente. A selvageria domina, tenaz. E torna-se ainda mais intensa quanto mais se distancia das margens mediterrâneas, quando se atravessavam os Alpes, o Reno, o Mar do Norte (DUBY, 1984, p. 13).

Não obstante, em 910, com a reforma de Cluny, a vida monástica adquire novo e extraordinário fervor. A Cristandade começa a se recobrar das invasões (germânicos, hunos, muçulmanos, vikings e magiares) que marcaram o período que vai do século V ao século X. Em 1098 (ano em que nasce Hildegarda), São Roberto de Molesme (1028-1111) funda a abadia de Cister, de onde sairá o inigualável São Bernardo de Claraval (1090-1153); Doutor da Igreja, maior autoridade espiritual do seu tempo e fundador de mais de cento e cinquenta mosteiros, todos eles ramificações beneditinas, Bernardo chamava Hildegarda de *luz radiante*. Considere-se:

Dentre as realizações culturais dos beneditinos medievais constam belas igrejas e claustros, afrescos e pinturas vitrais, iluminuras e música; mas tudo isso é efeito secundário da sua meta religiosa: tudo devia servir à *opus Dei*, ao louvor de Deus, que regia a vida quotidiana no claustro sob a forma de celebrações litúrgicas (FIEDER et alii, 1997, v. III, p. 232, tradução nossa).

Hildegarda incorporou exemplarmente a máxima beneditina *ora et labora*: “obediência era para ela um dever sagrado. Sob tais premissas,

²⁰ O século XIII é “o século das universidades porque é o século das corporações” (LE GOFF, 1984, p. 69). “Nas oficinas das corporações passavam-se as técnicas de pai para filho, de mestre para discípulo. Os artífices eram contratados por cidades e até mesmo por países diferentes. Ao mesmo tempo em que esse fenômeno favoreceu o intercâmbio de conhecimentos e habilidades, contribuiu para dar forte homogeneidade estilística ao Gótico, coisa que falta no Românico” (GANZAROLLI DE OLIVEIRA, 2018, p. 55; ver também DMITRIJEWA et alii, 1963, t. II, p. 286).

ela edificou sua vida e suas atividades” (RILEY, 1997, p. 31, tradução nossa).²¹

Em 1099, os Cruzados recuperam Jerusalém. Durante o século XII, o Românico atinge seu apogeu e nasce o Gótico. No perímetro musical, a polifonia (consignada desde o século IX, mas, ao que tudo indica, já praticada pelo menos desde o século VII) atinge um apogeu com a Escola de Notre-Dame, na qual despontam os nomes de Léonin e Pérotin, com seus *organa* a quatro vozes. Entretanto, Santa Hildegarda afina-se mais com a lírica provençal; recusa a multiplicação das melodias e, assim como o rei espanhol Afonso X e seus colaboradores farão no século XIII nas *Cantigas de Santa Maria*, prefere aproximar-se de Deus mediante o canto a uma só voz. Hildegarda combina a influência gregoriana com a improvisação melismática (típica das Igrejas do Oriente, e que Roma preferiu evitar) e a liberdade na prosódia (contrastando assim com seus antecessores e contemporâneos na arte da composição musical litúrgica) (cf. HICKMANN et alii, 1949/1957, t. VI, p. 390).²²

4 (In)conclusão

Não se *conclui* um escrito sobre Hildegarda, autora cuja vida e obra nunca cessará de estimular novas perspectivas de apreciação. O que fizemos nestas páginas foi uma exposição e um comentário abreviados sobre uma personagem que é fonte inesgotável de riquezas multiformes. Ninguém sabe como a Luz Viva falou a Hildegarda durante suas Visões. Provavelmente a língua utili-

²¹ Em 1178, a octogenária Hildegarda permitiu que se enterrasse e fosse mantido no solo sagrado de seu mosteiro um homem que, excomungado, havia obtido absolvição enquanto ainda vivia. Isso provocou um interdito por parte dos seus superiores, que, como punição, proibiram que fossem celebradas missas no mosteiro e que se cantasse durante o Ofício Divino. Numa das mais interessantes cartas de seu vasto epistolário, Hildegarda alega inocência, pois agira segundo a vontade de Deus – que durante uma Visão lhe advertira que, se a ordem de exumação do corpo fosse acatada, um grande mal haveria de cair sobre aquela morada; argumenta também que a proibição de cantar constituía um grave erro, pois o silêncio contradizia os preceitos da Divindade (cf. SANTA HILDEGARDA DE BINGEN, 2015a, 23).

²² “Quando Hildegarda fez oito anos, seus pais a confiaram a uma jovem de família nobre, Jutta, filha do conde de Spanheim, para ser educada. Jutta levava uma vida de reclusa no mosteiro de Disibodenberg, perto de Alzey, onde morava, e tomou a seu cargo a meninazinha que demonstrava tão espantosas aptidões (...). Os biógrafos de Hildegarda contam que Jutta lhe ensinou os salmos e a tocar o decacordo, instrumento com que se lhes acompanhava o canto. Na época, toda educação começava pelo canto e pelo canto dos salmos. ‘Aprender a ler’ dizia-se ‘aprender o saltério’” (PERNOUD, 1996, p. 13-14).

zada foi o latim, língua que ela conhecia “de ouvido”, por assim dizer. Sabemos que Hildegarda ditou tais experiências num latim rústico, pleno de imperfeições corrigidas por seus fiéis ajudantes, o Monge Volmar (?-1173) e a Irmã Ricarda (?-1152) (cf. ALAMEDA, 2013, p. 13sq).

No entender de Caroline Walker Bynum (1941), “com Hildegarda, não se sente; vê-se” (BYNUM, In: SANTA HILDEGARDA DE BINGEN, 2015b, p. 18). Tendo por base o preceito segundo o qual nada entra no intelecto sem que tenha passado antes pela sensibilidade (cf. FLORA, 1952, p. 31), acreditamos na possibilidade de estender aos quatro sentidos restantes essa interpretação da medievalista norte-americana – que talvez tenha empregado o verbo “ver” no sentido metonímico de “conhecer”, justamente por ser a visão o nosso sentido mais poderoso, responsável por mais de 80% das impressões sensoriais que recebemos do mundo ao nosso redor (cf. VEIGA, 1983, p. XIV). Diremos, então: à luz dos ensinamentos da Sibila do Reno, vemos, ouvimos, tocamos, absorvemos e degustamos este mundo de outra forma; ler Santa Hildegarda de Bingen é convite à eternidade.

Referências

ALAMEDA, Monsenhor Melchor Sánchez de Toca Alameda. Advertencias para un lector de Santa Hildegarda. In: SANTA HILDEGARDA DE BINGEN. *Libro de las causas y remedios de las enfermedades* (trad. José María Puyol y Pablo Kurt Rettschlag). Madri: Hildegardiana, 2013.

BOOTH, Edward et alii. *The New Grove Dictionnary of Music*. Londres: Macmilian, 2001.

BROWN, John Russell et alii. *The Oxford Illustrated History of the Theatre*. Oxford/ Nova York: Oxford University Press, 1997.

BYNUM, Caroline Walker. In: SANTA HILDEGARDA DE BINGEN. *Scivias* (Scito vias Domini) Conhece os Caminhos do Senhor. Tradução de Paulo Ferreira Valério, a partir da edição de Madre Columba Hart e Jane Bishop; Introdução de Bárbara Newman e Prefácio de Caroline Walker Bynum. São Paulo: Paulus, 2015b.

CALDAS AULETE, Francisco Júlio de; SANTOS VALENTE, António Lopes dos. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1948.

CARCHIA, Gianni; D'ANGELO, Paolo. *Dizionario di estetica*. Roma/Bari: Laterza, 1999.

CARVALHO, Olavo de. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. São Paulo: Record, 2013.

CIABATTONI, Francesco. *Dante's Journey to Polyphony*. Toronto/Buffalo/Londres: University of Toronto, 2010.

CIFUENTES, Dom Rafael Llano. *Serenidade e paz pela oração: como superar as preocupações, a ansiedade, as depressões e as angústias*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 2002.

CLÉMENT, Félix. *Histoire de la musique depuis les temps anciens jusqu'à nos jours*. Paris: Hachette, 1885.

COURTOIS, Stéphane et alii. *Le Livre noir du communisme*. Paris: Robert Laffont, 1997.

DE BRUYNE, Edgard. *Historia de la Estética*. Tradução: Armando Suárez. Madri: B.A.C., 1963.

DIE HEILIGE SCHRIFT. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 1981.

DIERS, Michaela. *Hildegard von Bingen*. Munique: DTV, 1998.

DMITRIJEWA et alii. *Allgemeine Geschichte der Kunst: die Kunst des Mittelalters*. Tradução: Ullrich Kuhirt et alii. Leipzig: Veb E. A. Seemann, 1963.

DUBY, Georges. "L'an mil", in *L'Europe au Moyen Âge*, Paris: Flammarion, 1984.

DUMUR, Guy et alii. *Histoire des spectacles*. Paris: Gallimard, 1965.

EDWARDS, Betty. *L'arte del colore*. Tradução: Alesio Catania. 7. ed. Milão: Longanesi, 2016.

ESCOT, P. Hildegard Von Bingen: Universal Proportion. *Mystics Quarterly*, 1993. v. 19, n. 1, p. 34-39.

FERREIRA, C. W. Santa Hildegarda de Bingen: Médica dos corpos e das almas. *Arautos*, 2011. Disponível em: <<http://www.arautos.org/secoes/artigos/doutrina/santos/santa-hildegarda-de-bingen-medica-dos-corpos-e-das-almas-143495>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

FIEDER, Katja et alii. *Brockhaus, die Bibliothek*: Kunst und Kultur. Leipzig: Brockhaus, 1997.

FLORA, Francesco. *Leonardo*. Verona: Mondadori, 1952.

FOSTER, Georg. *Reise um die Welt*. Frankfurt am Maim: Eichborn, 2007.

FRAILE, Guillermo. *Historia de la filosofía*. Madri: B.A.C., 1986.

FRANZEL, Emil. *Geschichte des deutschen Volkes*. Munique: Adam Kraft, 1974.

FREUND, G. *Grand dictionnaire de la langue latine*. Tradução: N. Theil. Paris: Firmin Didot, 1866.

GANZAROLLI DE OLIVEIRA, João Vicente. *Ensaio sobre a música polifônica: vozes que iluminam o Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2018.

_____. Homenaje mínimo a Jacques Le Goff: El despliegue de la cultura medieval y el nacimiento de Occidente. *Enfoques*, Entre Ríos, v. 37, n. 2, primavera de 2015.

GANZAROLLI DE OLIVEIRA, Maria de Lourdes. *Os anjos e nosso destino*. Rio de Janeiro: Agir, 1977.

HICKMANN, Hans et alii. *Die Musik in Geschichte und Gegenwart: Allgemeine Enzyklopädie der Musik*. Kassel: Bärenreiter-Verlag, 1949/1957, t. VI.

HIGLEY, S. L. *Hildegard of Bingen's Unknown Language*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2007.

JURCZAK, K. Countries With The Largest Roman Catholic Populations. *Worldatlas*, 2017. Disponível em: <<https://www.worldatlas.com/articles/countries-with-the-largest-catholic-christian-populations.html>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

LANGELLIER, Jean-Pierre. Gerbert d'Aurillac, l'horloger de Dieu. In: *Les héros de l'an mil*. Paris: Éd. du Seuil, 2000.

LE GOFF, Jacques. *La baja edad media*. Tradução: Lourdes Ortiz. 11. ed. México/Madri/Buenos Aires/Bogotá: Siglo Veintiuno, 1981.

_____. *La naissance du Purgatoire*. Paris: Gallimard, 1981.

_____. *Os intelectuais na Idade Média*. Tradução: Margarida Sérvulo Martinho. Lisboa: Gradiva, 1984.

LORRIS, Guillaume de; MEUN, Jean de. *Le Roman de la Rose*. Paris: Librairie Générale Française, 1992.

MIGNE, Jean-Paul (editor). *Patrologiae cursus completus, series graeca*. Paris: Excudebatur Et Venit Apud JP Migne Editorem, 1857-1866.

NEWMAN, Barbara. Hildegard of Bingen and the Birth of Purgatory. *Mystics Quarterly*, 1993. v. 19, n. 1, p. 90-97.

NICOLL, Allardyce. *Historia del teatro mundial*. Tradução: Juan Martín Ruiz Werner. Madri: Aguilar, 1964.

NILO HACK, Nelson. *Notas de aula*, 1985.

PAPA BENTO XVI. Semblanza de Santa Hildgarda". In: SANTA HILDGARDA DE BINGEN. *Libro de las causas y remedios de las enfermedades*. Tradução: José María Puyol y Pablo Kurt Rettschlag. Madri: Hildegardiana, 2013.

PERNOUD, Régine. *A mulher no tempo das catedrais*. Tradução: Miguel Rodrigues. Lisboa: Gradiva, 1980.

_____. *Hildegarda de Bingen, a consciência inspirada do século XII*. Tradução: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

_____. *Luz sobre a Idade Média*. Tradução: António Manuel de Almeida Gonçalves. Lisboa: Europa/América, 1981.

PRAMPOLINI, Santiago. *Historia universal de la literatura*. Tradução: Julio Jiménez Rueda. Buenos Aires: Uteha Argentina, 1940.

RABASSÓ, G. Rediscovering the Secrets of Voice: Hildegard of Bingen. *Mediaevalia*. Textos e estudos. Porto, v. 32, 2013. Disponível em <<http://ojs.letras.up.pt/index.php/mediaevalia/article/download/1148/1075>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

REYES, Alfonso Reyes. *La experiencia literaria*. Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 1993.

RIES, Julien. L'uomo religioso e la sua esperienza del sacro. In: *Opera omnia*. v. 3. Milão: Jaca Book, 2007.

RILEY, Helene M. Kastinger. *Hildegard von Bingen*. Hamburgo: Rowohlt, 1997.

RODOLFO GLABER. *Historiarum*. Texto latino e tradução italiana de Guglielmo Cavallo e Giovanni Orlandi. Rocca San Casciano: Fondazione Lorenzo Valla/Mondadori, 1999.

ROSENBERG, Serge et alii. *Laffont-Bompiani*. Le nouveau dictionnaire des oeuvres de tous les temps et de tous les pays. Paris: Robert Laffont, 1994.

SANTA HILDEGARDA DE BINGEN. *Cartas de Hildegarda de Bingen*. Epistolario Completo (editadas por A. A. Fraboschi, C. A. de Palumbo & M. E. Ortiz), Buenos Aires: Miño y Dávila, 2015a.

_____. *Causae et curae*. Lepizig: Teubneri, 1903.

_____. *Liber divinatorum operum* (editado por A. Derolez e P. Dronke). In: *Corpus Christianorum Continuatio Mediaevalis*. Turnhout: Brepols, 1996.

_____. *Liber vitae meritorum* (editado por A. Carlevaris), In *Corpus Christianorum Continuatio Mediaevalis*, Turnhout: Brepols, 1995.

_____. *Meditações*. Tradução: Barbara Theoto Lambert; adaptação e introdução de Gabrielle Uhleim. São Paulo: Gente, 1993.

_____. *Riesencodex*. *Hochschule RheinMain*, 2018. Disponível em: <<http://hlbrm.digitale-sammlungen.hebis.de/handschriften-lbrm/content/titleinfo/449618>>. Acesso em: 09 mai. 2018.

_____. *Scivias* (Scito vias Domini) Conhece os Caminhos do Senhor. Tradução: Paulo Ferreira Valério, a partir da edição de Madre Columba Hart e Jane Bishop; Introdução de Bárbara Newman e Prefácio de Caroline Walker Bynum. São Paulo: Paulus, 2015b.

SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Dicionário enciclopédico de religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SÉRGIO, R. O teatro das moralidades. *Recanto das letras*, 2009. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/1531307>, 02/07/2012>. Acesso em: 25 abr. 2018.

SHAKESPEARE, William. Othelo. In: *The Complete Works of William Shakespeare*. Nova York: Barnes & Noble, 2010.

SHEEN, Fulton. *Treasure in Clay*. The Autobiography of Fulton Sheen. Nova York: Doubleday and Company, 1982.

SOELLA, Gabriel Menguelli. Diálogos entre Protagonismos Femininos: Hildegarda de Bingen e Modernidade. *Revista Sinais*, Vitória, v. 2, n. 1, jun. 2015.

VEIGA, José Espínola. *O que é ser cego*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

VIDIGAL, A. G.; OLIVEIRA, T. Música e Educação na Idade Média: um estudo de Hildegard Von Bingen. *Anais da jornada de estudos antigos e medievais*. Maringá, v. 1, n. 10, p. 1-4, set. 2011. Disponível em <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2011/pdf/post/04016.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

WILSON, Edward O. *A conquista social da Terra*. Tradução: Ivo Korytovski. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

WOODS JR, Thomas. *How the Catholic Church Built Western Civilization* (com novo prefácio do Cardeal Antonio Cañizares). Washington: Regnery History, 2012.

Artigo recebido em 10/05/2018 e aprovado para publicação em 05/06/2018

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v17i33-2018-4>

Como citar:

GANZAROLLI DE OLIVEIRA, João Vicente; FROTA, Rafael Fernandes. Luz sobre Hildegarda: notas dedicadas à santa profetisa de Bingen. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 67-92, jan./jun. 2018. Disponível em : <www.revistacoletanea.com.br>.